

portugal

publicado pela comissão central de coordenação da f.p.l.n. em França - nº 1 -

informação



APRESENTAÇÃO

A Comissão Central de Coordenação da F.P.L.N. existente em França, desejando assinalar, com mais evidência, a sua presença na luta contra o fascismo, decidiu pôr em circulação o "PORTUGAL INFORMAÇÃO".

É um boletim destinado a estreitar os laços de solidariedade na luta de todos os portugueses que as vicissitudes do regime atiraram para fora do país e, ao mesmo tempo, a chamar a atenção para os problemas sociais e políticos portugueses, de modo a que todos participem na luta contra um regime nefasto, velho de 43 anos, e que continua a fazer os maiores estragos na vida do nosso povo, agravados com a existência de uma guerra colonialista contra os povos das chamadas "províncias ultramarinas".

Com os olhos postos nos grandes movimentos de LIBERTAÇÃO, no Vietnam, no Camboja, na África e na América do Sul, pensamos que uma FRENTE PATRIÓTICA poderá unir os portugueses para seguirem os exemplos dos heróicos combatentes dos três continentes e assim libertarmos a nossa Pátria.

É para isto que nos dizemos presentes!

As colunas deste boletim estão abertas a todos quantos queiram contribuir para o melhorar.

A todos as nossas mais fraternais saudações.

Maio 1970

MARCELO CAETANO

É A

"evolução na continuidade"

Explicando as razões da recente renovação ministerial, Marcel Caetano invocava a necessidade dum reorganização do governo para, no âmbito da sua política de "evolução na continuidade", melhor enfrentar "as diferentes frentes de combate que devemos sustentar". Palavras elucidativas sobre o actual governo português e uma política geral que se manifesta pela necessidade de evoluir a fim de continuar (ou preservar) o mesmo sistema. A continuidade surge, deste modo, como dominante dum sucessão que até agora se tem limitado a algumas (raras) transformações mais ou menos simbólicas. Assim da famosa "liberalização" não se viram senão algumas migalhas oferecidas com a mão esquerda e imediatamente recuperadas pela mão direita. Dois homens, o estudante Daniel de Sousa Teixeira e operário A. da Silva Cotrim, sucumbiram recentemente sob a tortura, como no bom tempo de Salazar, e trinta e oito pessoas, entre as quais o Dr. Salgado Zenha, Jaime Gama e o Rev.º Padre Pinto de Andrade, foram presas em Lisboa nestas últimas semanas. Na Universidade, após a Faculdade de Le

cont. pag. 3

Liberalização??

Devia ter tido início, na cidade do Porto, em 16/3/70, um curso sobre "Análise e perspectivas para a sociedade portuguesa", orientada pelo Dr. Pereira de Moura, ex-candidato pela CDE de Lisboa. A primeira sessão deveria ser realizada no Seminário de Vilar, o que não aconteceu devido às pressões exercidas sobre o Reitor. Recorreu-se a uma sala da Acção Católica, onde a polícia irrompeu pouco após o início da sessão. Os presentes dirigiram-se então ao Paço do Bispo, a quem tinham a intenção de expor o ocorrido. No entretanto, um forte dispositivo policial foi instalado junto da Acção Católica e do Paço, impedindo definitivamente a realização do curso.

COMO O GOVERNO PORTUGUÊS
ENGANA O POVO E AS FAMÍLIAS
DOS MILITARES INCORPORADOS
NA GUERRA COLONIAL ...

O comando-chefe das Forças Armadas em Angola distribuiu o seguinte comunicado, distribuído pela ANI, com data de 25:

"Esta manhã o nosso aquartelamento de Caripande, situado a sul do Cazombo, junto da fronteira com a Zâmbia, foi atacado com morteiros e armas automáticas por bandoleiros, provavelmente do chamado M.P.L.A., acoitados naquele país vizinho, pelo menos sob as vistas dos respectivos guardas fronteiriços. Seguros de impunidade de que gozam na Zâmbia, efectuaram aquela acção que nos provocou muitas baixas."

(Dos jornais de 26/3/70)

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica :

"Segundo telegrama hoje recebido no comando-chefe de Angola, o ataque inimigo de ontem ao aquartelamento de Caripande, junto à fronteira com a Zâmbia, não teve as proporções anunciadas, o que se atribui a deficiência das comunicações chegadas a Luanda. Na realidade, houve um morto e 4 feridos durante o ataque e na perseguição imediatamente movida pelas nossas tropas ao inimigo, o que, de resto, não diminui a gravidade da acção das forças inimigas acoitadas naquele território."

(Dos jornais de 27/3/70)

Entre estes dois comunicados há uma contradição no respeitante à gravidade do ataque. O comandante-chefe, certamente ao ser chamado à pedra pelos seus "patrões", tenta dar o dito por não dito para conservar o lugar. Mas nem isso conseguiu, porque dias depois foi substituído (alegando-se que tinha terminado a sua comissão ...).

Emigração: Uma catástrofe

Numa das últimas sessões da assembleia fascista de S. Bento, assembleia a que o governo chama "nacional", o deputado Camilo de Mendonça falou sobre emigração. A certa altura disse :

«No nordeste transmontano, como aliás nas outras regiões que, com aquela, constituem o Nordeste português, o fenómeno atingiu, porém, proporções de verdadeira catástrofe, de sinal quase irreversível, que, depois de incendiar os jovens, passou já a encandear as raparigas, criando um verdadeiro deserto sem remissão».

Baseando-se em dados obtidos num inquérito de amostragem, no distrito de Bragança, apresentou as seguintes conclusões:

«Entre 1960 e 1969, em pouco mais de oito anos, a perda de população do distrito de Bragança cifrou-se em mais de 115 mil habitantes, ou seja quase 50%».

Com efeito, a população residente no distrito era, no final de 1960, de 223.441 habitantes.

Durante cerca de oito anos o incremento populacional, por força dos saldos fisiológicos, deveria tê-

la elevado para perto de 260 mil. Porém... a população residente nos meados de 1969, generalizados os resultados do inquérito, não deve exceder 145 mil habitantes.

Quer dizer: a emigração consumiu inteiramente o saldo fisiológico e atingiu, mesmo substancialmente, a população residente em 1960, reduzindo-a em quase 40%.

Por concelhos, as perdas de população vão de mais de 3/4 (zona mirandesa) a 1/5 (Carrazeda de Ansiães), passando por quase metade dos concelhos mais importantes, enquanto a diminuição absoluta de população, relativamente a 1960, foi, em média, superior a um terço...»

«Uma cruzada impõe-se: uma acção intergovernativa intensa e fecunda exige-se; uma entidade coordenadora no plano interministerial requere-se; uma unidade descentralizada de comando no plano regional é indispensável».

Como se vê, ao Sr. Deputado pouco importa a defesa dos direitos do trabalhador, quer seja em Portugal ou na França.

Ontem, a política de emigração do governo levava à saída em massa dos trabalhadores do nosso país, que fugiam à miséria e à exploração.

Hoje, alguns representantes do capitalismo português começam a protestar contra essa saída, que prejudica os seus interesses de implantação de novas indústrias.

Assim, para os capitalistas, o único interesse que lhes merecem os trabalhadores é que estejam hoje aqui, amanhã além, onde os possam explorar.

Não é que "sejamos pela emigração ou contra a emigração", o que não somos é pelas soluções neocapitalistas da burguesia portuguesa.

A nossa opinião sobre o problema em geral será publicada em número próximo.

— SOLDADO PORTUGUÊS —

Como muitos outros já o fizeram, os ex-fuzileiros ANTONIO JOSÉ VIEIRA PINTO, N.º 1227-7, JOSÉ ARMINDO SENTIEIRO, N.º 1225-7 E ILBERTO COSTA ALFAIATE, N.º 790-8 abandonaram a tropa colonial no dia 18 de Fevereiro.

NA EUROPA, PARA ONDE SEGUIRÃO DENTRO DE BREVES DIAS, OS TEUS COMPATRIOTAS CONTARÃO COMO FORAM RECEBIDOS PELO NOSSO PARTIDO.

E, com os outros que já fizeram o mesmo e estão agora em França ou em qualquer outro país, eles lembrar-se-ão de ti soldado português.

De ti que continuas no exército colonial:

A participar em crimes contra o nosso povo;

A contribuir para ruína do teu país;

A sofrer a tirania dos oficiais;

A correr o risco de seres mutilado ou morto, como muitos milhares de jovens já o foram,

SOMENTE PARA O GOZO DOS RICAÇOS DA TUA TERRA

PROVA QUE ÉS UM HOMEM QUE SE RECUSA A COMETER CRIMES E A MORRER INUTILMENTE NUMA GUERRA JÁ PERDIDA.

**ABANDONA A TROPA COLONIAL
QUE SERAS BEM RECEBIDO**

NÓS NÃO LUTAMOS CONTRA O POVO PORTUGUÊS, CONTRA INDIVÍDUOS PORTUGUESES OU FAMILIAS PORTUGUESAS.

PEGAMOS EM ARMAS PARA LIQUIDAR NA NOSSA TERRA, A DOMINAÇÃO COLONIAL PORTUGUESA, QUE NUNCA CONFUNDIMOS COM O POVO DE PORTUGAL!

P. A. I. G. C.

LIVRES! LIVRES DA CRIMINOSA GUERRA COLONIAL! LIVRES!



A satisfação dos fuzileiros navais Pinto, Alfaiate e Sentieiro, fotografados em lugar seguro, após terem abandonado a base Fluvial de GANTURÉ

No dia 18 de Fevereiro os três jovens fuzileiros grumetes, com um lenço branco nas mãos e a arma às costas, entregaram-se às nossas forças.

Os nossos combatentes e a população civil receberam-nos com amizade e deram-lhes o melhor tratamento.

Levados para local seguro os teus compatriotas foram entrevistados por um jornalista estrangeiro no próprio dia em que a Rádio Bissau comunicou, a mentira vergonhosa, que eles tinham morrido no mato.

Enquanto esperam entre nós o dia da sua partida para o país que escolherem, o Pinto, o Alfaiate e o Sentieiro, têm falado na nossa Rádio para todos os soldados portugueses que sofrem na guerra colonial.

P. A. I. G. C.

Realizou-se em 19/2/70 um "meeting" na Faculdade de Letras de Lisboa sobre política colonial. Este "meeting" deveria ter sido realizado no dia anterior, o que não aconteceu dada a proibição do mesmo pelas autoridades policiais. A polícia prendeu o Dr. Salgado Zenha, que tinha sido um dos intervenientes.

Em 21 de Fevereiro realizaram-se em Lisboa duas manifestações: uma da Praça da Figueira até ao Piquenique, outra da Estefânia até à Guerra Junqueiro. Vários grupos tinham sido organizados nas faculdades e escolas a fim de organizarem e participarem nas manifestações. A polícia fez vinte e uma prisões.

De notar o aparecimento de grupos organizados para a luta, no nosso país, contra a guerra colonial, como os CLAC (Comités de Luta Anti-Colonial) e outros, prova de uma condenação consequente da guerra e de uma crescente solidariedade pelo combate dos povos colonizados de Angola, Moçambique e Guiné.

Um organismo da ONU convidou recentemente representantes dos movimentos de libertação das colónias portuguesas a participarem num congresso juvenil integrado na comemoração do 25.º aniversário daquela organização.

O governo protestou

O governo português protestou, claro. É conhecida a ineficácia da ONU para resolver os problemas dos povos colonizados, que só pela própria luta conseguirão expulsar os colonialistas. No entanto, factos como o relatado antes, provam o crescente isolamento do governo português em relação à sua política colonial.

NOTÍCIAS DA GUERRA COLONIAL

■ três jovens fuzileiros navais, José Vieira Pinto, José Armindo Sentieiro, Ilberto Costa Alfaiate, recusaram-se a participar na criminosa guerra colonial da Guiné, entregando-se às forças dos patriotas guineenses, sendo bem recebidos pelos combatentes do P.A.I.G.C., que já os libertaram.

■ mais um crime do exército colonialista: aviões das Forças Aéreas bombardearam duas escolas nas zonas livres da Guiné: 8 crianças mortas e 17 feridas na aldeia de Iador, no dia 2 de Fevereiro, e 7 crianças mortas e 8 feridas em Tambico, no dia 30 de Março.

tras e o I.S.T., a Faculdade de Direito foi invadida e ocupada pela polícia, no dia 17 de Fevereiro, e encerrada por decisão do governo embora o actual ministro da Educação, Prof. Veiga Simão, tenha manifestado a sua oposição a estas medidas de inspiração ultra. Quanto à pretensão "liberdade de imprensa", ela acaba de revelar-nos a sua imagem através da proibição do suplemento literário do "Jornal de Notícias", do Porto, sobre o qual se exerciam diversas pressões de há tempos para cá. Assim a "renovação" da ex-União Nacional e da ex-P.I.D.E., uma e outra invocadoras de sinistros acontecimentos. Esta, aliás, já conhece a pia baptismal de gingeira; desde a sua criação, é a sexta vez que lhe entornam a água benta na cabeça, na esperança, talvez, de apagar os seus crimes e a sua má reputação.

cont.pág. 4

ÚLTIMA HORA

GREVE VITORIOSA DOS PESCADORES DE PENICHE

Depois de uma greve de cerca de 30 dias, durante a qual os pescadores de Peniche recusaram matricular-se enquanto não fossem satisfeitas as suas reivindicações, o patronato teve de ceder às exigências dos pescadores, que conquistaram, entre outros, os seguintes direitos:

| | | |
|-------------------------------|-------|----------|
| Até 50.000\$00 | | = 36,4 % |
| De 50.000\$000 a 120.000\$000 | | = 39,2 % |
| Mais de 120.000\$000 | | = 42 % |

Cláusula 11.* — Do produto de cada maré de pesca, serão distribuídos para «caldeirada» por cada tripulante:

- 1) Quando as vendas forem efectuadas em Peniche, 20\$00.
- 2) Quando as vendas forem efectuadas noutros portos, 30\$00.

Quando o produto da maré não atinja o montante necessário para o pagamento integral das caldeiradas e impostos, será rateado proporcionalmente à totalidade, sendo de sua conta o pagamento dos impostos.

Cláusula 12.* — Quinzenalmente, do rendimento da pesca livre de caldeiradas o armador pagará para distribuir pela companhia as seguintes percentagens:

O valor total destas percentagens será entregue às companhias de 1 a 6 e de 16 a 21 de cada mês e terá a seguinte distribuição, no máximo de 28 partes:

- Mestre, 4; Contra-mestre, 2; Marinheiro pescador, 1,2; Pescadores, 1; Moços pescadores (14 a 15 anos), 1/2; Moços pescadores (15 aos 16 anos), 3/4; Casa dos Pescadores, 1; Guardas, 1 (para todos); Auxiliares das artes de pesca, 1.

§ 3.* — Em cada quinzena utilizar-se-á para liquidação a que se refere o corpo deste artigo, apenas uma percentagem, aquela que corresponder à totalidade do rendimento da pesca livre de caldeiradas.

Mas os mortos e os prisioneiros são o desmentido permanente a esta preten-
sa mudança de métodos. Na mesma linha se apresenta a nova Acção Nacional
Popular, que conserva todas as prerrogativas da União Nacional. São neste
aspecto elucidativas as palavras do deputado e ex-membro da Comissão Con-
sultiva da ex-União Nacional., Dr. Homem de Melo: "um dos propósitos con-
fessados da A.N.P. é o de não deixar o mínimo monopólio político nas mãos
dos que se opõem ao regime". E acrescenta: "porquê proceder a modificações
de estrutura e de fisionomia na nossa organização se os frutos eleitorais
foram excelentes?"

Nos anos trinta, Salazar explicava-se nestes termos: "os organismos
operários de tendência revolucionária estão hoje dominados pela ideologia
bolchevique e organizados ou trabalhados por agentes estrangeiros. Pelo
meio das lutas de classes, eles procuram a revolução social, conceito com-
plexo que envolve não somente a transformação económica e social antes
procurada pelo proletariado, mas a substituição integral da ordem estabe-
lecida e a criação duma nova sociedade -sem pátria, sem família, sem pro-
priedade e sem moral". É isto que nós devemos combater, diz Marcelo Cae-
tano quando hoje afirma que "nós não podemos admitir o enfraquecimento da
autoridade. Tudo o que, neste momento, representa transigência com as for-
ças da desordem propensas à revolução social, pode acarretar muito graves
consequências para o futuro do país".



É evidente que Marcelo Caetano é tão salaza-
rista como Salazar; as "modificações" feitas aos estatutos da ex-U.N. re-
velam uma dependência total do Estado quando, até aqui, ela era declarada,
pelo menos nos textos, "independente do Estado". Assim, se nesta "continui-
dade" as mudanças são notórias, a "evolução" é nula. Como se diz em Lisboa
"toda a gente compreende o que ele diz mas ninguém sabe o que ele quer".
Ou, noutra plano: "Marcelo acaba de tirar as últimas ilusões aos que ainda
acreditavam nele". Vozes populares que não impedem o novo ministro do Ul-
tramar, Silva Cunha, de declarar (sem rir) que "o acontecimento mais grave
na vida política portuguesa durante os últimos quarenta anos, foi a inca-
pacidade física de Salazar". Assim, hoje como ontem, se iludem os proble-
mas com frases feitas e sem pés nem cabeça. Para esquecer e iludir os pro-
blemas essenciais que a incapacidade do salazarismo (com ou sem Salazar)
não foi capaz de resolver, antes pelo contrário. A explicação, aliás, vem-
nos do próprio Marcelo Caetano que, no seu discurso "em família" do dia
17 de Dezembro declarava: "Cada vez há menos resignação para suportar males
tradicionais". Males de mais de quarenta anos de idade, que se vão agravando
com o tempo. Males que o governo descure e que nos custam "sangue, suor
e lágrimas". Males que não poderão encontrar remédio numa política geral
que se confessa públicamente incapaz de os resolver através de declarações
inspiradas por uma demagógica "evolução na continuidade".